

ABERTURA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES EM MEDIAÇÃO E TÉCNICAS AUTOCOMPOSITIVAS¹

NILSON VITAL NAVES

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça e
Diretor-Geral da Enfam*

Outra vez juntos, a Escola Nacional de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados – Enfam e o Ministério da Justiça, agora por intermédio da sua Secretaria de Reforma do Judiciário, firmaram acordo de cooperação técnica com o propósito de conjugar esforços voltados à formação de nova cultura de pacificação de litígios. Em linhas gerais, tal parceria visa à promoção de cursos de capacitação de magistrados em técnicas de mediação e composição de conflitos.

Aliás, já propunha a Enfam, desde os trabalhos iniciais, a formação humanística do juiz, daí a ênfase que suas primeiras resoluções deram aos aspectos pragmáticos da vida judiciária. No que diz respeito ao conteúdo mínimo dos cursos de formação para ingresso na carreira, o que se propôs foi que do currículo constassem, entre outros temas, a difusão da cultura de conciliação como busca da paz social e a abordagem de técnicas de conciliação judiciária.

Hoje nos reunimos para dar abertura ao primeiro curso de multiplicadores na matéria. Teremos, ao que vejo, um encontro de acuradas reflexões, pois aqui presentes férteis e saudáveis inteligências do nosso Judiciário, juízes que versarão, minuciosamente, temas os mais variados respeitantes à resolução de conflitos, que vão desde as questões éticas relacionadas à mediação até a docência e gerenciamento de mediadores.

¹ Palavras proferidas na abertura do Curso de Formação de Multiplicadores em Mediação e Técnicas Autocompositivas, Brasília, 15.12.08.

Mais um mecanismo alternativo para a solução de litígios, a mediação é, dúvidas não há, exemplo de modernização. Por meio dela, espera-se a pacificação da lide pelo consenso das partes, de maneira a evitar ou atalhar o processo. Com ela, reforça-se o papel do Judiciário como órgão ativo política e socialmente, prevendo modificações no acesso à justiça e no relacionamento com a sociedade. Trata-se, em verdade, de afirmação da simplicidade, da celeridade e da economia processual.

A propósito, o Judiciário brasileiro está sobrecarregado. A crise não é de hoje! Falta-nos, muitas vezes, a força necessária para dar cobro aos processos. Chegam-nos, usando uma expressão machadiana, às braçadas, por atacado. Só para que se tenha uma idéia, o Superior Tribunal, com menos de vinte anos, querendo eu, aqui, fazer notar o contra-senso dos números, é Tribunal de mais de um milhão de recursos especiais, tanto outro de agravos, Tribunal de mais de cem mil habeas corpus, tanto outro de mandados de segurança, cautelares... Se isso revela o prestígio da Justiça – e creio que sim, isto é, as pessoas buscando solução para seus conflitos –, deixa-nos sobremaneira preocupados com a rapidez das decisões, porque nos faltam mãos e corações...

Foi pensando nisso que já escrevi a respeito do tão poético quanto perturbador castigo mitológico imposto por Zeus a Sísifo (semelhante ao que nos tem sido imposto, sem dúvida). Parece até que fomos instituídos para também viver tamanha tragédia! Lá, Sísifo, tendo de rolar eternamente um enorme rochedo na subida de uma vertente (mal o rochedo atingia o cimo, voltava a cair mercê do seu próprio peso, e o trabalho recomeçava); no Judiciário, nós, com montanhas e mais montanhas de processos sobre um mesmo tema...

Conquanto haja defeitos e imperfeições, o Poder Judiciário, sabemos, vem-se aprimorando dia a dia. Tal é o que, entendo, estamos aqui buscando. Formar multiplicadores em mediação é, pois, um projeto

que me enche de esperança. Esperança de termos mais uma alternativa para amenizar o acúmulo de processos que lotam as prateleiras de todo o Judiciário!

Por isso quero finalizar minhas palavras, recordando, exatamente como fiz em recente solenidade de abertura de curso também de multiplicadores, uma interessante história dos tempos do Império no Brasil. Naquela época, quando o lampião tinha como combustível o óleo de baleia, havia, na cidade do Rio de Janeiro, um emprego hoje desconhecido – o do acendedor de lampião. Toda noite, o acendedor de lampião saía com uma vara com fogo na ponta e ia acendendo, em todos os postes, o lampião sem se dar conta da importância do trabalho que executava. Ele não conseguia enxergar a dimensão da própria importância – a importância de alguém que, por onde passava, deixava toda a cidade iluminada atrás de si.

Entendo seja tal qual a missão dos multiplicadores. O certo é que, indo, dividirão experiências e convicções, idéias e ciência, enfim, compartilharão com outros, nas escolas estaduais e federais da magistratura, a sua, como o histórico acendedor de lampião, também luz!